

POLÍTICA

GOVERNO

FHC reage a ataques e repudia o estilo "prende e arrebenta"

Ed Ferreira/AE-31/12/99

Em entrevista na TV, presidente defende-se de críticas a seu temperamento moderado

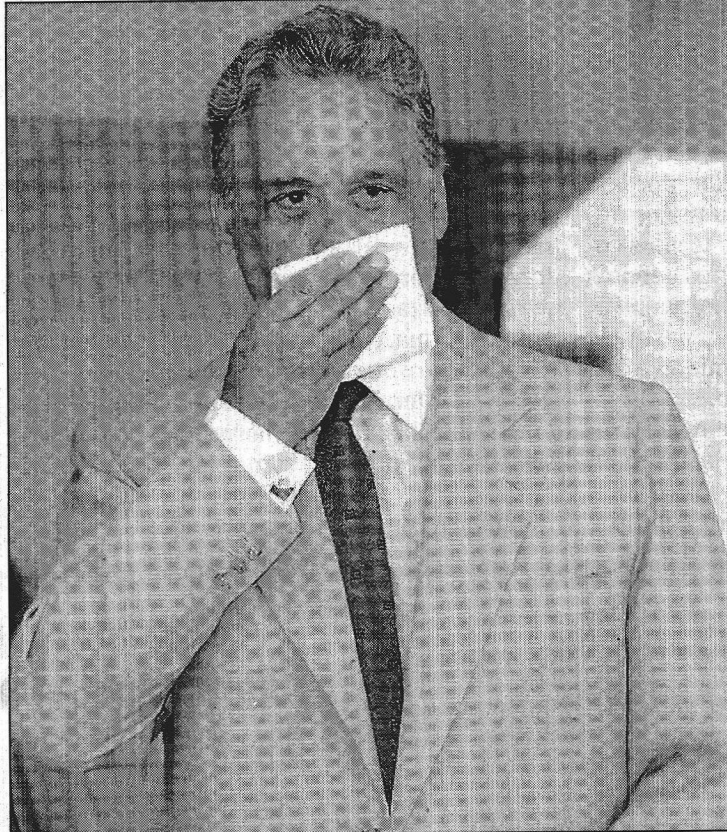
ISABEL BRAGA

BRASÍLIA – O presidente Fernando Henrique Cardoso reafirmou ontem sua autoridade e avisou que não precisa usar de força para exercê-la, pois o povo sabe que o presidente exerce o comando cumprindo a lei e sem recorrer à violência. Em entrevista ao vivo concedida à Rede Globo pela manhã, momentos antes de embarcar para uma visita que fez aos municípios da região Sudeste atingidos pelas chuvas, Fernando Henrique respondeu aos seus críticos, que questionam seu temperamento ponderado e o qualificam como indeciso, com ironias e comparações.

“O que vocês querem? Que eu dê ordem unida ao Congresso? Que eu prenda, arrebente?”, perguntou o presidente, que manteve uma atitude defensiva durante toda a conversa. “Vocês querem o Pinochet aqui? Querem uma pessoa que venha aqui e imponha?”, emendou.

O contra ataque de Fernando Henrique foi amarrado por referências a outros políticos e lembranças. O presidente recorreu a uma frase celebrizada pelo ex-presidente João Baptista Figueiredo, morto no mês passado – “eu prendo e arrebento” – para responder àqueles que atacaram a inércia do governo frente à manifestação de militares da reserva em solidariedade ao ex-comandante da Aeronáutica, Walter Bräuer, demitido por quebra de hierarquia no fim do ano passado.

Além de ressaltar que a demissão não resultou numa crise militar, Fernando Henrique cobrou da Câmara dos



FHC: ‘O que vocês querem? Que eu dê ordem unida ao Congresso?’

FRASES

“Fui obrigado a mudar o comandante da Aeronáutica. Um conjunto de oficiais, a imensa maioria da reserva, se manifesta em solidariedade a ele. E no dia seguinte, o que aconteceu? Nada”
sobre a crise com a substituição do comandante da Aeronáutica

“Nunca no Brasil, durante tantos anos, houve uma base que votasse tão favorável ao governo, sem que haja violência. Sem que haja caudilhismo, sem que haja imposições”
sobre a bancada governista no Congresso

Deputados uma atitude contra o deputado Jair Bolsonaro (PPB-RJ), que na sua opinião “passou dos limites”. No ápice da rebelião dos militares da reserva, o deputado carioca voltou a pedir o fuzilamento do presidente e a troca de comando no governo. O presidente também lem-

brou, para comentar os seus baixos índices de popularidade, que durante a ditadura do general Augusto Pinochet, no Chile, e ao longo do regime militar brasileiro, os índices de crescimento da economia eram altos e o Congresso aprovava todos os projetos de interesse do gover-

no. “Eu não estou governando para a popularidade e nem para índices, estou governando para fazer o que o Brasil precisa, dentro da concepção democrática.”

Fernando Henrique fez questão de lembrar que “sem caudilhismo, sem imposições”, durante todos os cinco anos de seu mandato conseguiu aprovar 16 emendas constitucionais e várias leis “audaciosas” e importantes para o País. “É preciso que a gente se habitue à democracia e não pense que falou o presidente, o Congresso vota”, disse.

Moderação – Para ele, os baixos índices de popularidade que vem enfrentando não estão relacionados a problemas com sua base de sustentação ou ao seu temperamento conciliador e moderado. “Por que é que nos outros anos, com essa base e com o meu temperamento, a popularidade era alta?”, questionou. “Maior ou menor apoio depende do bolso, da perspectiva, da confiança.”

O presidente voltou a defender-se das críticas ao seu temperamento, alvo de novos ataques do presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA). “O Brasil já foi governado por gente não ponderada e deram todos com os burros n’água, porque isso não é uma questão de temperamento, é uma questão de entender o que é a democracia.”

Fernando Henrique disse ainda que já vê sinais de crescimento econômico, renovando a avaliação otimista para este ano. Ele negou que tenha afirmado que a era das reformas já passou. Segundo o presidente, como a sociedade quer as reformas e o Congresso já está contaminado por esta vontade popular, ele não precisará se empenhar tanto, como fez até agora, pela aprovação.